



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN

JOÃO PEDRO NUNES DA ROCHA

**EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE CORPO E
GESTUALIDADE DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO**

Caruaru

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN**

MEMORIAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE CORPO E
GESTUALIDADE DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO**

JOÃO PEDRO NUNES DA ROCHA¹

Caruaru

2022

¹ Graduande em Design - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisador d'O Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Imaginário e Educação (UFPE-CNPq). Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica UFPE/FACEPE (2019-2021). E-mail: jpnunesr@gmail.com.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Rocha, João Pedro Nunes da.

Epistemologia e Estética Subalterna: um estudo sobre corpo e gestualidade
Drag Queen a partir da deambulação / João Pedro Nunes da Rocha. - Caruaru,
2022.

47 p. : il.

Orientador(a): Mario de Faria Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Design, 2022.

1. corpos em subalternidade. 2. estética. 3. gênero. 4. Drag Queens. I.
Carvalho, Mario de Faria. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

*À Vovó Maria e à todas as mulheres que sem saber são feiticeiras,
rezadeiras, benzedadeiras, bruxas, entidades ou santificadas.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Lara, Ágda, Jozé, Serginho, Fernando, Rafaelinha, Waguin, Laís, Aninha, Suzy, Renan, Matiara, Rafa e Charles: minha família construída e destruída através do percurso que costuro.

Ao Campus Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, bem como a Diretoria de Cultura da UFPE e ao FOTOLAB, por serem agentes impicantes e estimulantes.

Ao Professor e Orientador Mário de Faria Carvalho, por me enxergar e contribuir na minha (des)construção de gênero, por se fazer amigo e uma série de outras atribuições que não lhe eram necessárias, mas que sempre se fez presente e íntegro.

Aos Professores Fernando Cardoso e Daniela Nery, pela contribuição, leveza e troca proporcionada.

Aos meus pais Ana Maria e Pedro Rocha, à minha irmã Priscilla, ao meu cunhado, Melquisedeque e meus sobrinhos João Miguel e Vítor, que compreendendo ou não o que discuto e pesquiso, se mostram resilientes, afetuosos e amorosos para comigo.

À Punctum Filmes por materializar esta pesquisa junto comigo em um documentário em curta metragem.

Ao grupo de pesquisa transdisciplinares: O Imaginário, extensivo a todes es integrantes, por onde inicio o meu percurso de pesquisadora, me transmitindo suporte, conteúdo e poder para pesquisar sobre gênero e seus desdobramentos.

Aos Programas de Iniciação Científica: PIBIC e FACEPE, por resistirem e fomentarem a pesquisa e a produção acadêmica, em tempos que o governo federal se propõe a sucatear as instituições e financiamentos federais de educação.

A Ilzy Soares por ser suporte, companhia, escuta e fala durante todo o meu processo acadêmico.

As Drag Queens Wenus Sunew (Berg), Aurora (Lucas), Banshee (Hélio), Brittany (Ullan) e Loreen (Lucas), por partilharem comigo os seus processos de montaria e com isso contribuírem na minha vida pessoal e acadêmica.

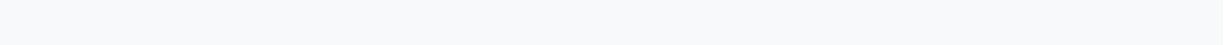
Por fim, que pode ser por começo, como uma cobra que morde o próprio rabo, agradeço a mim e a força transformacional que se manifesta em todas as ocasiões que eu escolhi permitir a feminilidade e mulheridade me consumir e assim TRANSbordar, TRANScender, TRANSformar e TRANSmutar o meu ser e estar no mundo.

“Ser Drag é o meu grito, sem precisar gritar.” – Drag Aurora
(Documentário Drag é PODER. 2022)

RESUMO

O presente projeto de graduação corresponde ao Plano de Trabalho aprovado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq, Edição 2019-2020 sob o título: “*Epistemologia e estética subalterna: um estudo sobre corpo e gestualidade Drag Queen a partir da deambulação*”. Assim, buscamos problematizar a montaria de corpos subalternos que exaltam o ser feminino a partir da sua construção estética e epistêmica com vistas a pensar sobre que sentidos podem ser intuídos e observados nestes processos de subversão das ordens estética e de gênero. Evocar o tema da estética significa, para nós, ressaltar a potência dionisíaca do mundo, na fluidez dos gestos, nas roupas, no falar e nas corporeidades que compõem o dia a dia. Assim, exemplificamos pela estética feminina, em corpos subalternizados, o imaginário dos saberes que são corporificados em relação às *Drags*. O trajeto metodológico decorre de uma perspectiva etnográfica (CARVALHO, 2001) e sensível (CARVALHO; CARDOSO, 2015), um trajeto marcado pela ‘deambulação’ (DEBORD, 1958), a partir da análise dos espaços ocupados por Drags na cidade de Caruaru, em Pernambuco e pelas entrevistas realizadas com as Drag Queens Wenus Sunew, Banshee e Brittany.

Palavras-chave: corpos em subalternidade; estética; Drag Queens; gênero.



SUMÁRIO

1	Edital Propesq nº 07/2019.....	9
1.1	INTRODUÇÃO.....	9
1.2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.3	MATERIAS E MÉTODOS.....	16
1.4	RESULTADOS ESPERADOS PARA A VIGÊNCIA DA BOLSA.....	18
1.5	VIABILIDADE DE EXECUÇÃO.....	18
1.6	CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DA ALUNE.....	19
1.7	BIBLIOGRAFIA.....	19
2	RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES DO ALUNO	
	VOLUNTÁRIO DO PIBIC/CNPq – UFPE.....	22
2.1	IDENTIFICAÇÃO.....	22
2.2	RESUMO.....	22
2.3	INTRODUÇÃO.....	22
2.4	OBJETIVOS.....	24
2.5	METODOLOGIA DO TRABALHO.....	24
2.6	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	25
2.6.1	Epistemologia e estética histórica.....	27
2.6.2	Epistemologia e estética político-provisória.....	28
2.6.3	Epistemologia e estética cultural-simbólica.....	31
2.7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	34
2.8	DIFICULDADES ENCONTRADAS.....	36
2.9	ATIVIDADES PARALELAS DESENVOLVIDAS PELA ALUNE.....	37
3	RESUMO EXPANDIDO CONIC.....	38
4	CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DO CONIC.....	40
5	OUTRAS PUBLICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS....	42



1 Edital Propesq nº 07/2019

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic/UFPE/CNPq)

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ações Afirmativas (PibicAF/UFPE/CNPq)

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE / UFPE-CAA
Núcleo de Design e Comunicação
Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea

Título da Pesquisa

ESTÉTICA E IMAGINÁRIO: DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ESTUDO DAS SENSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO

Coordenador / Orientador:

Prof.º Dr. Mário de Faria Carvalho

Título do Plano de Trabalho:

EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE CORPO E GESTUALIDADE DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO

Aluna Bolsista:

João Pedro Nunes da Rocha

1.1 INTRODUÇÃO (caracterização do problema, justificativa e objetivos)

O corpo *drag queen* não é criado sem intencionalidade e sem uma epistemologia/estética subversiva/subalterna. O caminho estético-epistêmico da criação desse corpo parte de uma inquietação, que se desdobra no intuir e no sentir. A montaria² do corpo *drag queen* produz um novo sentido de estar no mundo. A

² Trata-se de um processo metamórfico de um corpo, não linear, não dicotômico, que se transforma, com confluências de personas constituintes em si e através da inquietação estabelece novas formas. (SANTANA, CARVALHO; 2019).

emergência deste debate convida, hoje, a conhecer outras dimensões da existência que são mediadas pela gestualidade e pela subjetividade de grupos marcados por sua condição subalterna (MIGNOLO, 2008; PALERMO, 2009).

Na medida em que se reitera a partir de uma epistemologia subversiva/subalterna, o corpo *drag queen* reflete o seu pensar a partir de um intuir e sentir próprios do corpo sensível que produz conhecimento de mundo e de vida. Ele não é criado aleatoriamente: tem inquietação, intenção, metodologia e aporte teórico. Ao ser criado, ele transita nas fronteiras anunciando desnaturalizações e denunciando narrativas opressoras. Nas fronteiras, o corpo *drag queen* é sempre interdisciplinar, complexo e nunca acabado (LOURO, 2004; JAYME, 2010). Pensar a montaria da *drag queen* é um exercício à reflexão sobre quais significados epistêmicos e estéticos emergem deste processo.

Nesse sentido, este Plano de Trabalho corresponde a um desdobramento do Projeto de Pesquisa “*ESTÉTICA E IMAGINÁRIO: DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ESTUDO DAS SENSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO*”. O referido Projeto é atualmente desenvolvido no âmbito d’O *Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Imaginário e Educação (CNPq)*, vinculado ao Núcleo de Design e Comunicação e à Linha de Pesquisa “*Educação e Diversidade*” do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos do Centro Acadêmico Agreste da Universidade Federal de Pernambuco.

O objetivo geral que orienta a pesquisa mais ampla mencionada consiste em: compreender quais as principais dimensões teórico-metodológicas do estudo das sensibilidades na educação e no cotidiano a partir da estética e do imaginário. Assim, neste Plano de Trabalho pretendemos nos debruçar sobre alguns aspectos/temas que perfazem o campo mais amplo anteriormente citado, privilegiando a interpretação de um dado universo, sujeitos e fenômeno social.

As estéticas subalternas têm sido problematizadas enquanto trajetórias para se pensar a intersecção entre questões sociais e processos de subjetivação que rompem com determinados sistemas morais e de exclusão. Essa noção, quando nos referimos ao corpo *drag queen*, transpõe valores marcados pelo patriarcalismo e sujeição feminina, especialmente quando se trata de gestualidades marcadas pelas corporeidades de pessoas que transitam entre os gêneros.

A preocupação em observamos elementos estéticos enunciados a partir da gestualidade *drag* se interliga à(s) noção(ões) de corpo, seus usos e significados. Afinal, o poético [político] enquanto elemento estruturante da contemporaneidade, como propõe Michel Maffesoli (2010), é importante chave de leitura de diferentes correspondências que se articulam no nível do olhar e do conhecimento. Eis que propomos a realização de um estudo sobre as convergências epistêmicas e estéticas que marcam a construção do corpo *drag queen* e sua performatividade social. A convergência – epistemológica e estética – sustenta, a nosso ver, a intencionalidade histórica, provisória, cultural, política e simbólica que materializa o corpo *drag queen*.

Nessa perspectiva, nossa proposta de pesquisa está direcionada à leitura deambulativa do cotidiano de *drags* que frequentam os espaços públicos da Rua Silvino Macedo, chamada de “Má Fama”, uma das mais conhecidas ruas de Caruaru, no Agreste de Pernambuco, e acerca dos sentidos e referenciais que marcam as gestualidades estéticas e epistêmicas que emergem desse contexto.

Silva (2015, p. 16) alerta que: “sujeitos que provocam tensionamentos, apontam para outros caminhos possíveis de vida”. As tensões subjazem à normalidade, às convenções; atravessam os limites, as fronteiras do estabelecido. Note-se que os limites e fronteiras não são estabelecidos pelo sujeito, antes pelos outros que tentam e o forçam a categorias fixas, racionais. O sentir *drag queen* é um clamor que reivindica a forma, a aparência, a viagem na/pela vida. Assim, a leitura de contextos e das gestualidades cotidianas de *drags*, a partir de uma perspectiva estética, relaciona-se com o rompimento da noção de tempo linear, dialoga com outras hermenêuticas que reposicionam o modo como percebemos a produção das subjetividades deste grupo e sobre os saberes que emergem dessa experiência.

É na viagem que o corpo *drag queen* se materializa (LOURO, 2004). E, assim, voltamos à seguinte questão: o que sente esse corpo para que ele seja levado a tantas viagens? Esse corpo é, ao mesmo tempo, homem e mulher; dele também se pode dizer, nem homem e nem mulher, subalternos. É corpo repleto de sensações e estéticas do cotidiano. É corpo, mesmo estranho, potência política que afirma no agora a opressão e sujeição que forjam e submetem os corpos. A viagem provocada pelo corpo *drag queen* é a reinvenção de si a partir do lugar da não-fala. É ruptura com o constituído a fim de contrariar o estabelecido, de perturbar a ordem

opressora. Noutras palavras, a socialização é criada a partir dos instintos e das derivas, é uma forma de saber instintiva e exteriorizada segundo as diferentes ocasiões de aglomerações dos grupos sociais (DOROTEA, 2013; GALARZA, 2011). Por outro lado, isto favorece a criação de um mundo paralelo no qual as diferentes ‘tribos’ se satisfazem de acordo com seus respectivos gostos estéticos e corporeidades (LARA, 2004). Percebemos, então, a liberdade de escolha destes gestos e gostos estéticos na atmosfera de união de determinados grupos.

Ao se montar, a *drag queen* performa sua intenção política. Butler (2002) reitera que o caráter performativo da *drag queen* é a forma de contestar a degradação atribuída aos homossexuais, assim como ao corpo-mulher. A teatralização e a estética subalterna dos atos, a construção da nova *persona*, os discursos e próteses temporárias são formas estético-enunciativas e constitutivas do corpo *drag queen*. Os elementos estéticos são o ritual metamórfico mais substancial na construção cultural da *drag queen* (SANTOS, 2012). Importante dizer que todo processo de montaria do corpo *drag queen* é perpassado por uma pedagogia.

Santos (2012, p. 95) aduz que a montaria requer “pedagogia corporal, elaborada na apropriação de elementos indumentários, físicos e gestuais que proporcionam a ilusão de se viver o sexo oposto”. Tal pedagogia é a própria hermenêutica e também heurística sobre o mundo, o corpo e as relações de poder expressas na performatividade e performance *drag queen*. O território da *drag queen* é seu corpo (CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004). Nele as intuições afloram e por meio de epistemologias pensadas para problematizar as ordens, presumidamente naturais; novos afetos são criados, novas histórias e novas realidades. É um corpo que carrega mil corpos (LE BRETON, 2003) e permite o encontro do seu sujeito/da sua sujeita com o mundo. Mas o que é esse objeto? É a vida e seus fenômenos, é a potência sensível do existir e coexistir, é a realidade do mundo das sensibilidades e da experiência.

A apresentação/estado da arte sobre os temas centrais direciona-nos a questões como: quais as significações epistêmicas e estéticas estão presentes na gestualidade da montaria de *drag queens*? Quais estéticas gestuais são corporificadas como forma de contrapor a dimensão social subalterna que marca estes corpos, assinalados como dissidentes? Quais hermenêuticas, práticas e

linguagens têm sido mobilizadas e significadas a partir do estético e do corporal na contemporaneidade desse grupo?

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa consiste em:

i. Compreender quais as significações epistêmicas e estéticas que estão presentes na gestualidade da montaria de *drag queens*;

São objetivos específicos da proposta:

i. discutir sobre as gestualidades que formam a estética subalterna *drag queen* a partir de um estudo deambulativo na Rua da 'Má Fama' em Caruaru, Pernambuco;

ii. identificar os principais sentidos epistêmicos que emergem da gestualidade da montaria *drag queen*;

iii. refletir acerca dos principais referenciais epistêmicos e estéticos produzidos a partir do corpo *drag queen*;

1.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Drag queens: por uma epistemologia e estética subalternas: questões sobre gestualidades, corpo e gênero

Para dar significado ao mundo utilizamos a imaginação, imaginamos, ordenamos e comunicamos, ou seja, instituímos a forma. A origem da linguagem, segundo Germain Bazin (1980), é uma atividade artística, pois gera formas, nomear as coisas é, portanto, um ato criador. O lúdico, aqui expressa-se nas formas sinuosas da simbiose entre corpo e estética.

A fluidez das formas gera a necessidade de inserção na vida como ela se apresenta, primeiro, enraizando-se na potência criadora da natureza, depois “libertinando-se” na dimensão dionisíaca da existência. Dioniso, aqui, é em referência ao mito grego da embriaguez, do vinho. A dimensão dionisíaca e suas vicissitudes nas nossas sociedades favoriza o estar junto. Evocar o tema da estética é, então, impregnar-se da potência dionisíaca do mundo que nos cerca, na fluidez dos gestos, nas roupas, no falar, nas corporeidades que compõe nosso dia a dia.

São desdobramentos culturais e estéticos da atualidade. Os corpos *drag* evocam a simbiose com a natureza, exemplifica a dionisificação da existência. É preciso

compreender os corpos dissidentes como novas ressignificações do *eu* que podem, com intensidade, inserir-se em diferentes domínios do saber.

A noção de hipérbole, do exagero, característica da arte apresentada pelos gestos do corpo *drag* é oportuna no que concerne a exemplificação das transcendências corpóreas na atualidade, o corpo político. O “equilíbrio instável” entre os dois princípios inseparáveis, o físico e o emocional, o apolíneo e o dionisíaco. Os excessos constantes são encontrados na (re)descoberta do corpo. Experimentando outras possibilidades, corpo enquanto mente, enquanto coletivo, enquanto saber criação de novas subjetividades. Segundo Stuart Hall:

Há a *produção* do *eu* como um objeto do mundo, as práticas de autoconstituição, o reconhecimento e a reflexão, a relação com a regra, juntamente com a atenção escrupulosa à regulação normativa e com os constrangimentos das regras sem os quais nenhuma “subjetivação” é produzida. (1996, p. 125, grifos do autor)

As *drag queens* conhecem a pluralidade da existência, quer dizer, que elus religam as vontades e as eventualidades do mundo, integram na vida a vertigem do novo a cada instante, de maneira *espiralesca*; fora dos limites da racionalidade determinista.

A partir de uma abordagem sensível, nosso imaginário pode nos conduzir a dimensões onde fabulosas criaturas e situações parecem resistir a todas as tentativas de definições racionais. Palavras, como símbolo, mito, sonho, fantasia, alegoria, imaginação transcendem ao racionalismo restrito.

A cultura é dinâmica, é um processo em que o imaginário, formalizado por arquétipos, símbolos e mitos, é a própria articulação da nossa existência. Assim, exemplificamos pelas intervenções da gestualidade *drag queen* o imaginário dos saberes corporificados. É no imaginário que podemos encontrar a identidade mítica de uma cultura. Gilbert Durand define o imaginário como:

[...] o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano. (2002, p. 18)

Sua teoria é formulada sobre a noção de “trajeto antropológico do imaginário”, ou seja, a constante troca entre os desejos individuais e assimiladores e o exterior, seja ele cósmico ou social, que infligem suas características sobre as pessoas. Nós, seres criativos, (re)existimos (re)constituindo, constantemente nosso imaginário, nossos mitos, nossos símbolos e organizamos o mundo ao nosso redor.

Durand (2002) releva que o imaginário humano constitui o conector inevitável pelo qual se formula todas as representações humanas, pois para ele, o pensamento humano é *re*-apresentação, quer dizer, ele é formado por articulações simbólicas. O autor completa dizendo que o imaginário institui a dominação do espírito sobre o mundo. O contrário das dicotomias impostas pelo saber cartesiano, diairético e não inclusivo. O cogito deve ser sensível, nós, enquanto corpo, corpo da vida, devemos viver a alteridade, dissolvermos em um coletivo, pois nossos corpos passam a ser mais corpos na vida perante outros corpos. Segundo Garcez.

Veremos isso na medida em que compreendemos o corpo como produtor de políticas, ou seja, de significados e estéticas oriundos de experiências específicas que confrontam e também negociam com semânticas sociais e culturais dominantes. (2013, p. 27)

Seguindo a noção do corpo enquanto potência para o coletivo, Muniz Sodré (1994) aponta o corpo como memória, que nada esquece, preservando as formas consequentes dos “contatos com outros corpos ou com o mundo”. Processo no qual, segundo o autor: “Ninguém sabe do que o corpo é capaz”. A performatividade a partir da nudez, por exemplo, é um sinal da carnavalização do corpo. Estes domínios de expressão estética não podem ser separados da transformação das mentalidades, do investimento ao cuidado corporal, do culto da forma física, e da compreensão do corpo como apoio da encenação da cena diária. Relevando a importância do corpo e do afeto.

O gesto, segundo Mircea Eliade (2000), ao comentar sobre arquétipos e repetição, no Mito do eterno retorno, “[...] só adquire significado, *realidade*, na medida que retoma uma ação primordial”. Repetimos na vida cotidiana, infinitamente, os gestos exemplares e arquetipais, revivendo os mitos originais. Na contemporaneidade, por exemplo, retomamos o mito de Narciso, figura primordial. Apresento aqui a definição de *Narciso* e de sua surpreendente ornamentação segundo Gaston Bachelard:

Narciso vai então na fonte secreta, no fundo do bosque. Somente lá, ele sente que ele é naturalmente duplicado; ele estende o braço, ele mergulha as mãos na sua própria imagem, ele fala à sua própria voz. [...] Diante das águas, Narciso tem a revelação de sua identidade e da sua dualidade, a revelação de suas duplas forças viris e femininas, a revelação sobretudo de sua realidade e de sua idealidade. (1942, p. 33)

Sobre o compartilhamento da beleza, Bachelard denomina de um narcisismo cósmico, narcisismo generalizado, onde todos os seres teriam consciência de suas

belezas. Desta maneira as pessoas se *narcisizam* a partir da autocontemplação nas outras pessoas. O exemplo do corpo ressignificado, contrário à heteronormatividade, nas performances do corpo *drag* mostra possibilidades do existir além das subordinações impostas e permitindo outro olhar para o corpo. A performatividade social é revista, repensada e seus reflexos transformam o gênero normativo, transgredindo as normas. Com o surgimento das teorias performativas do gênero, houve grande interesse nas variações de gênero e nas violações das normas. Se gênero normativo é atualizado pela performatividade, então, ao mudarmos as ações performativas, devemos conseguir criar um gênero não normativo. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 214). Trata-se de uma troca cordial e harmoniosa de práticas sociais, trajetos antropológicos que envolvem movimentos pessoais e coletivos, criando o que Maffesoli (1996) se refere como vitalismo inegável do naturalismo contemporâneo. Esta potência da natureza sustenta a dimensão estética da vida social (D'ORS, 1935). É a parte do estetismo da pessoa contemporânea em contrapartida ao utilitarismo neoliberal.

1.3 MATERIAS E MÉTODOS

O trajeto metodológico do Plano de Trabalho decorreu de uma perspectiva etnográfica (CARVALHO, 2001) e sensível (CARVALHO; CARDOSO, 2015). O método apresenta à proposta de pesquisa um trajeto marcado pela 'deambulação' (DEBORD, 1958; 1955), por sua essência reflexivo-filosófica, e não-redutora quanto à compreensão dos fenômenos, da natureza humana e suas ações na história (MAFFESOLI, 1998).

Assumimos a perspectiva de *deambular/etnografar* o cotidiano de *drags* que performam e/ou que apenas ocupam os espaços públicos da Rua Silvino Macedo, chamada de "Má Fama", uma das mais conhecidas ruas de Caruaru, no Agreste de Pernambuco. Esse espaço é marcado pela pluralidade de ambientes (igrejas neopentecostais, prostíbulos, bares, *pub's*, restaurantes, casas de show, espaços de literatura e poesia, entre outros). É um espaço no qual a vivência *drag queen* performa e perfaz múltiplos significados estéticos e epistêmicos junto a outras tribos urbanas, sentidos que podem contribuir para a reflexão acerca de diferentes e outras realidades/saberes que circundam ou emergem da vivência deste grupo.

Nesta perspectiva, a estética foi tomada enquanto um vetor da *deriva* urbana debordiana, que é vivida e se materializa a partir da experiência cotidiana dos

sujeitos. A *deriva* é uma técnica etnográfica de exploração e abordagem de situações cotidianas segundo as emoções proporcionadas pela deambulação (DEBORD, 1958; 1955). Um processo teórico-metodológico da analogia entre as formas estética, discursiva, gestual e corporal e as subjetividades que delas emanam.

Estabelecemos a consciência do fenômeno (a experiência *drag queen*) a partir das ferramentas que o deambular e a etnografia oferecem, especialmente a partir da observação dos sujeitos da pesquisa, a partir da relação construída pela imaginação, especulação e percepção da pesquisadora e as leituras das emoções/gestos dispostas/os no cotidiano.

A abordagem qualitativa do estudo foi instrumentalizada de acordo com os aportes oferecidos pela Teoria do Imaginário, propostos por Gilbert Durand (2001; 2004), da imaginação poética de Gaston Bachelard (1942; 2008) e das observações sobre estética e sensibilidades, segundo Marcuse (2002) e Maffesoli (2010; 2007; 1988; 1996).

A investigação foi idealizada a partir da realização de uma etnografia que contará, em suma, com o emprego da observação não participante e do diário de campo construído a partir daquela, enquanto instrumentos. Assim, em relação à coleta de dados necessários para a realização da pesquisa, esta foi concretizada através de dois instrumentos: da observação não participante e do diário de campo. A observação foi realizada *in loco* nos espaços que definiremos após as primeiras incursões no campo. Considerando que a 'Rua da Má Fama' congrega diferentes ambientes e tribos urbanas que, em tese, são receptivos à presença de *drags*, foi a relação com o espaço que determinou o universo com o qual trabalhamos. O roteiro de questões que orientou as observações foi construído nos primeiros momentos do processo de deambulação e resultou na construção do diário de campo que, por sua vez, teve dois grandes fins, o primeiro de perceber quais epistemologias emergem da gestualidade da montaria *drag* e quais os sentidos e referenciais que fundamentam a estética subalterna desse grupo.

O conjunto de percepções registradas e o diário de campo que serviram como base de análise, o *corpus* da pesquisa, foram categorizados a partir do uso da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2007). As informações coletadas foram observadas segundo a dimensão representativa dos sentidos epistêmicos e referenciais

estéticos que apontam para a fundamentação da dimensão subalterna e para os saberes deste grupo, expressos através de sua montaria.

1.4 RESULTADOS ESPERADOS PARA A VIGÊNCIA DA BOLSA

O Plano de Trabalho esteve em estreita sintonia com as atividades que buscam consolidar o Programa de Interiorização das Universidades Públicas, na medida em que fortaleceu as atividades de formação de pesquisadores/as em nível de iniciação científica no interior do estado de Pernambuco. Em segundo lugar, o Plano apresenta à comunidade acadêmica uma abordagem metodológica que valorizou a realização de um estudo sensível do tema. Na medida que integra a análise deambulativa e a dimensão estético-epistêmica que cercam o universo eleito, apresenta uma nova compreensão dos aspectos em questão. A investigação, em terceiro lugar, proporcionou a participação da aluna bolsista em seminários ou encontros acadêmicos, contribuindo para a disseminação dos temas e possíveis publicações em periódicos com Qualis em Educação, Sociologia, Design, Interdisciplinares e/ou ligados às Ciências Humanas.

1.5 VIABILIDADE DE EXECUÇÃO

O projeto foi desenvolvido no âmbito d'O *Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Imaginário e Educação*, vinculado ao Centro Acadêmico do Agreste, Núcleo de Design e Comunicação, e no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea. Contou com a concessão de auxílio (bolsas de pesquisa em nível e mestrado) através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES).

Por outro lado, o Centro Acadêmico do Agreste é equipado com instalações adequadas para a realização do trabalho; a biblioteca guarda acervo de livros sobre educação, estética e sensibilidades. O coordenador da pesquisa possui largo acervo relacionado à Teoria do Imaginário, essenciais à viabilização do trabalho de pesquisa e disponíveis em seu gabinete, ainda com possibilidade de indicação à aluna sobre a possibilidade de acesso a outras bases de dados necessárias à consecução da investigação, além de contar com apoio acadêmico das ferramentas que possuem o Núcleo de Design e Comunicação e o Programa do Pós-graduação aos quais foi vinculado.

1.6 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DA ALUNE (PARA TODO O PERÍODO DE VIGÊNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA)

Étapas	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Pesquisa bibliográfica sobre estética subalterna, corpo e epistemologia. Estudo sobre as gestualidades das <i>drag queens</i> .												
Estabelecimento dos primeiros contatos com o campo de estudo.												
Delimitação dos espaços a serem analisados e realização das primeiras observações.												
Sistematização dos primeiros achados presentes no diário de campo.												
Envio – Relatório Parcial												
Continuação da pesquisa de campo (observações).												
Finalização da coleta de informações;												
Revisão Final dos resultados da pesquisa;												
Apresentação em eventos científicos.												
Apresentação dos resultados finais da pesquisa no Congresso de Iniciação Científica (CONIC)												
Envio – Relatório Final												

1.7 BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **L'eau et les rêves**: essai sur l'imagination de la matière. Paris: Librairie José Corti, 1942.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2007.

BAZIN, Germain. **História da arte**. Trad. Fernando Pernes. Paris: Garramond, 1980.

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael Mérida. (Org.) **Sexualidades Transgresoras. Una antologia de estudios queer**. Barcelona: Icaria, 2002, p. 55-79.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 107-147, jul., 2001.

CARVALHO, Mario de Faria; CARDOSO, Fernando da Silva. Contemporaneidade, pesquisa social e imaginário. **Revista NUPEM**, Vol. 7, nº 13, 2015.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar *drag queen*: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, 2004, n.9, v. 3, p. 471-478.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero - uma perspectiva global:** compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo. Trad. Marília Moskhovich. 3. ed. São Paulo: nVersos, 2015

DEBORD, Guy. **Bulletin central n°2** édité par les sections de l'International Situationniste. Décembre 1958.

_____. **Les lèvres nues.** n° 6, Bruxelas, 1955.

DOROTEA, Gómez Grijalva. **Mi cuerpo un territorio político.** In.: Voces Descolonizadoras. Cuaderno 1. ed. Brecha Lésbica, 2013.

D'ORS, Eugenio. **Du Baroque.** Paris: Éditions Gallimard, 1935.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário:** introdução à arquetipologia geral. Tradução Hélder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução Rennée Eve Levié. 3. ed. Rio de Janeiro: DIEFEL, 2004.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** Trad. Paola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007. Coleção Debates.

GALARZA, Mari Luz Esteban. Cuerpos y políticas feministas: el feminismo como cuerpo. In.: AUGUSTO, Cristina Villalba; LUCENA, Nacho Álvarez. **Cuerpos políticos y agencia:** reflexiones feministas sobre cuerpo, trabajo y colonialidade. Grana: Universidad de Granada, 2011.

GARCEZ, L. S. **Os movimentos do Maracatu Estrela Brilhante de Recife: Os “trabalhos” de uma “nação diferente”.** 2013. 158 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

HALL, Stuart. **When was the post-colonial?** In.: CURTI, L.; CHAMBERS, I. (Orgs.). The post-colonial in question. Londres: Routledge, 1996.

JAYME, Juliana Gonzaga. Travestis, transformistas, *drag queens*, transexuais: montando corpo, pessoa, identidade e gênero. In.: CASTRO, A. L., (Org). **Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades:** olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 213 p.

LARA, Larissa Michelle. **O sentido ético-estético do corpo na cultura popular.** 2004. 236 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **O conhecimento comum:** introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Trad. Alexandre Dias e Rogério de Almeida. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**. Tradução de Álvaro Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MIGNOLO, Walter D. Aiesthesis decolonial. **CALLE 14 - Revista de Investigación en el campo del Arte**, vol. 4, n. 4, enero-junio, 2010.

PALERMO, Zulma. **Arte y estética en la encrucijada descolonial**. 1. ed. Buenos Aires: Del Signo, 2009.

SANTANA, José Diêgo Leite; CARVALHO, Mario de Faria. **O que pode um corpo Drag Queen? sentidos outros para a pesquisa de questões de gênero na educação**. 2019. No prelo.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. Femininos de montar - Uma etnografia sobre experiências de gênero entre *drag queens*. 2012. 240 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2012.

SILVA, Rodrigo Souza. **Drag Queens, Montagens e Reinvenções**: tecendo outras existências. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens, Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Jogos extremos do espírito**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Coleção Arco do Tempo.

2 RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES DO ALUNO VOLUNTÁRIO DO PIBIC/CNPq - UFPE

(Refere-se às atividades realizadas no período de agosto 2019 a agosto de 2020)

2.1 IDENTIFICAÇÃO

Nome do Orientador:	Mário de Faria Carvalho
Nome do Aluno:	João Pedro Nunes da Rocha
Área do projeto:	Ciências Humanas
Título do projeto do aluno:	EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE CORPO E GESTUALIDADE <i>DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO</i>

2.2 RESUMO

Buscamos problematizar a montaria de corpos subalternos que exaltam o ser³ feminino a partir da sua construção estética e epistêmica, com vistas a pensar sobre que sentidos podem ser intuídos e observados nestes processos de subversão das ordens estética e de gênero. Evocar o tema da estética, a nós, significa ressaltar a potência dionisíaca do mundo, na fluidez dos gestos, nas roupas, no falar e nas corporeidades que compõem o dia a dia. Assim, exemplificamos pela estética feminina, em corpos subalternos, o imaginário dos saberes que são corporificados em relação às *Drags*. O trajeto metodológico decorre de uma perspectiva etnográfica (CARVALHO, 2001) e sensível (CARVALHO; CARDOSO, 2015), um trajeto marcado pela ‘deambulação’ (DEBORD, 1958; 1955), analisando os espaços ocupados por *Drags* na cidade de Caruaru, Pernambuco, bem como pela análise dos discursos de *Drags* entrevistadas.

Palavras-chave: corpos em subalternidade; estética; *Drag Queen*; gênero.

2.3 INTRODUÇÃO

Este relatório final refere-se ao Projeto citado acima, aprovado no Edital Pibic 2019-2020 e realizado entre os meses de agosto de 2019 e agosto de 2020. A referida pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito *d’O Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Imaginário e Educação (CNPq)*, vinculado ao Núcleo de Design e Comunicação e à Linha de Pesquisa “Educação e

³ A referida noção é retomada enquanto experiência, a vivência corporal do gênero, e não como visão essencialista do que representa ser mulher ou homem, dicotômica e binariamente.

Diversidade” do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos do Centro Acadêmico Agreste da Universidade Federal de Pernambuco.

A montaria de corpos considerados abjetos é perturbadora, é reivindicação de si mesmo a partir do lugar da não-fala, provocada pela viagem transgressora do ser feminino. (SANTANA, CARVALHO; 2019). Questiona os ideais regulatórios que governam os seres condenados pelo binarismo de gênero. De acordo com Butler (2003), o binarismo desqualifica e descontextualiza o signo feminino, não existindo noção singular de identidade. É através da epistemologia do termo ‘binário’ que se percebe a relação de poder que conforma e sustenta a matriz heterossexual, sobretudo por meio da hierarquização de gênero que desnatura os corpos que exaltam feminilidade. Se a montaria de *Drag Queen* é, para muitos, expressão artística e de reverência ao gênero, por outro lado, é marcada igualmente por repressão e subalternidade. Trata-se de corpos que são invisibilizados e, por isso, considerados abjetos⁴.

A montaria contesta as normas, burla o sistema, subverte o *eu* que servia de prisão para um corpo conhecedor de si, de suas potências e possibilidades, insurge à estética e à epistemologia que lhes foi instituída. Expulsa os elementos de abjeção e é, precisamente, através dessa expulsão que o estranho não é estabelecido como algo pejorativo ou ligado ao ridículo (BUTLER, 2003). Estes corpos não são criados sem intencionalidade e sem uma epistemologia/estética subversiva. O caminho estético-epistêmico da criação desse corpo parte de uma inquietação política e de vivência do gênero para além do corpo (MIGNOLO, 2008; PALERMO, 2009). Ao ser criado, ele transita nas fronteiras estéticas, de gênero e sexualidade, anunciando desnaturalizações e denunciando narrativas opressoras. Pensar a montaria desses corpos é um exercício à reflexão sobre quais significados epistêmicos e estéticos emergem neste processo.

Logo, a apresentação/estado da arte sobre os temas centrais direciona-nos à seguinte problemática de pesquisa: quais as significações epistêmicas e estéticas presentes na construção feminina, a partir da montaria de *Drag Queens*? E, assim, voltamos a questões como: o que sente esse corpo para que ele seja levado a tantas viagens? Tal corpo é ao mesmo tempo homem e mulher; dele também se pode dizer nem homem e nem mulher, subalterno. É corpo repleto de sensações e

⁴ Aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, desqualificado, desconsiderado enquanto corpo humano, tornado literalmente “outro” (BUTLER, 2003).

estéticas do cotidiano. Nesse sentido, o objetivo geral eleito foi discutir quais as significações epistêmicas e estéticas que estão presentes na construção feminina da sujeita, a partir da montaria *Drag Queen*. A convergência – epistemológica e estética – sustenta, a nosso ver, a intencionalidade histórica, provisória, cultural, política e simbólica que materializa um corpo *outro*. É na viagem que o corpo *Drag Queen* se materializa (LOURO, 2004). Continua corpo, mesmo estranho, potência política que afirma no agora, a opressão e sujeição que forjam e submetem o seu e outros corpos. É um corpo que transporta mil corpos (LE BRETON, 2003) e permite o encontro do seu sujeito/da sua sujeita com o mundo.

2.4 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em:

- i. Compreender quais as significações epistêmicas e estéticas que estão presentes na gestualidade da montaria de *Drag Queens*;

São objetivos específicos da proposta:

- i. Discutir sobre as gestualidades que formam a estética subalterna *drag queen* a partir de um estudo deambulativo na cidade Caruaru, Pernambuco;
- ii. Identificar os principais sentidos epistêmicos que emergem da gestualidade da montaria *Drag Queen*;
- iii. Refletir acerca dos principais referenciais epistêmicos e estéticos produzidos a partir do corpo *Drag Queen*;

2.5 METODOLOGIA DO TRABALHO

Estabelecemos, nesta pesquisa, a consciência do fenômeno a partir das ferramentas que o deambular e a etnografia oferecem, especialmente a partir da observação dos sujeitos da pesquisa, da relação construída pela imaginação, especulação e percepção da pesquisadora e as leituras das emoções/gestos dispostas/os no cotidiano eleito. O trajeto metodológico decorre de uma perspectiva etnográfica (CARVALHO, 2001) e sensível (CARVALHO; CARDOSO, 2015). Esta perspectiva metodológica apresenta à pesquisa um caminho marcado pela ‘deambulação’ (DEBORD, 1958), por sua essência reflexivo-filosófica e não-reutora quanto à compreensão dos fenômenos, da natureza humana e suas ações na história (MAFFESOLI, 1998).

A perspectiva de deambular/etnografar ressalta o cotidiano de *Drags* que performam e/ou que ocupam os espaços públicos na cidade de Caruaru, no Agreste de Pernambuco. Trata-se de um espaço no qual a vivência *Drag Queen* performa e perfaz múltiplos significados estéticos e epistêmicos junto a outras tribos urbanas, sentidos que podem contribuir para a reflexão sobre diferentes e outras realidades/saberes que circundam ou emergem da vivência deste grupo.

Vale salientar que a pesquisa estava sendo desenvolvida, voluntariamente, n'O Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Imaginário e Educação (UFPE-CNPq), desde o segundo semestre de 2019; revisões bibliográficas e processos deambulativos já haviam sido realizados até o isolamento social instaurado em 16 de março de 2020. Devido às condições impostas pela situação de pandemia, o processo de análise e investigação teve que ser transformado e amplamente modificado. A pesquisa passou a ser instrumentalizada a partir de uma deambulação virtual/digital, por meio de diálogos e entrevistas remotas realizadas com as *Drag Queens* Wenus Sunew e Banshee, ambas da cidade de Caruaru, só assim pudemos continuar com a pesquisa sem que ela tivesse que ser interrompida, mas sim adaptada.

A abordagem qualitativa do estudo foi instrumentalizada de acordo com os aportes oferecidos pela Teoria do Imaginário, propostos por Gilbert Durand (2002; 2004), e das observações sobre estética e sensibilidades, segundo Maffesoli (1996; 1998). Nesse sentido, a investigação foi idealizada a partir da realização de uma etnografia que conta enquanto instrumentos, em suma, com o emprego da observação não participante e do diário de campo construído a partir daquela.

O conjunto de percepções registradas, das entrevistas realizadas e o diário de campo serviram como base de análise, o *corpus* da pesquisa, categorizados a partir de formas teórico-epistêmicas acima mencionadas. As informações coletadas foram observadas segundo a dimensão representativa dos sentidos epistêmicos e referenciais estéticos que apontam para a fundamentação da dimensão estético-gestual e para os saberes deste grupo, expressos através de sua montaria.

2.6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A deambulação realizada, as anotações do diário de campo, as entrevistas realizadas e os registros fotográficos dialogam com o que Butler (1999; 2003)

nomina enquanto designação da origem e sustentação de categorias de gênero como efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são variados e distintos, inclusive em relação a *Drag Queens*. Assim como aduz a autora, a categoria sexo está presente no universo estudado a partir da perturbação do 'ideal regulatório' que produz corpos sexuados, com a finalidade de governá-los, de ter controle sobre os corpos e por consequência, sobre o sexo. No entanto, apesar de haver uma reiteração que impõe a materialização, as 'corpas'⁵ nunca se fazem completamente. Para a *Drag Queen* Wenus Sunew (Figura 1), uma das entrevistadas, da cidade de Caruaru - Pernambuco, se montar é subverter o cotidiano, *Drag* é arte, exagero, identidade, é sempre mais, é ser político e quebrar os padrões.

Figura 1: *Drag* Wenus Sunew



Fonte: acervo do pesquisador (2018)

Os corpos *Drag* não se conformam, nunca, completamente, e têm na estética uma forma de insubmissão, de desobediência. A partir de tais instabilidades, das possibilidades de rematerialização, que se percebe no universo estudado o quanto essas forças regulatórias podem, de fato, voltar-se contra elas mesmas.

⁵ Surge a partir de mais um processo de subversão de termos que fazem parte de uma estrutura linguística machista e falocêntrica. Representa seres dotados de criatividade e expressão corporal que articulam posições políticas, estéticas e acima de tudo, de arte.

2.6.1 Epistemologia e estética histórica

A pesquisa é constituída de nomes e de referências históricas que contribuem imensuravelmente para o reforço e o enriquecimento dos assuntos discutidos. Quando se fala de temas como gênero, montaria *Drag* e insurgência de corpos que rompem o binarismo de gênero é importante citar a Revolta de Stonewall, ocorrida no final da década de 1960, onde tais ‘corpas’ predestinadas a serem repreendidas verbal e fisicamente por forças policiais, por não estarem vestidas de maneira apropriada ao seu sexo biológico – regulado –, eram levadas presas. No entanto, reagiram violentamente contra a tirania do governo provocando uma revolta coletiva pautada, sobretudo, na insurgência do feminino. Marsha P. Johnson, ativista do movimento na época, é lembrada até hoje enquanto pioneira do movimento LGBTQIAP+. O Pocs Bar, espaço afetivo da comunidade LGBTQAPI+ em Caruaru, reverencia sua importância através de materiais artísticos expostos na casa, como mostra a Figura 2. Outros nomes importantes como Dandara, Matheusa e Marielle Franco são, igualmente, homenageadas.

Figura 2: Mulheres Presente



Fonte: acervo do pesquisador (2019)

As convergências epistemológicas e estéticas são apontadas, historicamente, não somente pela contribuição das personagens acima citadas, mas também partir da compreensão de que quando os corpos abjetos se materializam, estes, marcam o tempo, pois são seres não vistos, não falados, muito menos reconhecidos. Entretanto, e através de inúmeras rebeliões epistêmicas e estéticas, é que,

atualmente, tem-se diversas cantoras *Drag Queens* representando a música *pop* brasileira, como a Pablo Vittar, Gloria Groove, Lia Clark.

Igualmente, tem-se a *Drag Queen* Rita Von Hunty professora e artista influente nas discussões de gênero e sexualidade. O seu canal no *youtube*, Tempero Drag, conta com mais de quinhentos mil inscritos. Tem-se, igualmente, a *Drag Queen* Samira Close como uma das maiores influenciadoras de jogos *online*. Sua página no *facebook* possui mais de seiscentos mil inscritos. Ocupar os espaços tidos como não pertencentes às *Drag Queens* é além de subverter o trajeto histórico, criar perspectivas presentes e futuras para essa categoria que tanto resiste e infiltra a normatividade.

2.6.2 Epistemologia e estética político-provisória

Durante a deambulação no espaço *Pocs Bar* foi possível perceber que o ambiente é pleno de militância e de provocações, de corpos que exaltam, na estética insurgente, elementos ditos femininos, como unhas pintadas, brincos, acessórios e vestimentas atribuídas às mulheres, conforme mostra a Figura 3. Existe um dialeto próprio chamado *pajubá* que enaltece ainda mais a comunidade, criando uma relação de empatia e identidade entre as pessoas que compreendem esta forma de se comunicar.

Figura 3: Homem ou Mulher? Homem e Mulher? Melhor dizer: a fronteira.



Fonte: acervo do pesquisador (2019)

Simone de Beauvoir (2009) diz, “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”. Para ela o gênero é construído por um agente implicado, um raciocínio que se apropria desse gênero. Logo, sendo esta noção algo variável e intencional, não há quem garanta que o “ser” que ela fala seja, necessariamente, fêmea (BUTLER, 2003). Assim como o “torna-se mulher” não tem relação com possuir útero, nem todo ser humano do sexo feminino é, portanto, necessariamente mulher, logo nem todo ser humano do sexo masculino é homem. Por isso o apelo: sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres (BEAUVOIR, 2009). Para a *Drag Queen* Banshee (Figura 4), também da cidade de Caruaru-Pernambuco, esse processo metamorfósico surge durante a montaria. Ela afirma que, maquiando-se, quando afina o nariz, quando coloca o salto, a Banshee se materializa, não apenas por uma questão estético-corporal, mas, principalmente, por um processo de identificação e (in)surgência. Já para Wenus Sunew, esse processo não está, necessariamente, associado a elementos que feminizam, pelo contrário, ela afirma que não se sente confortável de peruca e de salto alto, a montaria de Wenus (Figura 4) provoca os padrões de beleza estabelecidos e mais uma vez denuncia que os elementos careca, barba e mulher, existem num mesmo corpo, confluem, se misturam e reconstroem.

Figura 4: Banshee a esquerda, Wenus Sunew a direita.



Fonte: acervo das Drags (2018)

Se, então, não definido, nem rotulado, há mulheres sem útero, com pênis, que se autogovernam, desbravadoras, fortes, poderosas. Há mulheres que ainda não foram encontradas ou classificadas, porque tal termo, nunca se satisfará, o gênero é plural.

Contudo, pode-se afirmar que a montaria de *Drag* não se restringe somente à categoria masculina que é oposta ao sexo ou gênero personificado. Utilizando aqui o preceito binário, não se limita às *Drag Queens*, ousamos dizer que a montaria está para além dos corpos, encontra-se nos gestos, nos objetos, na comunicação, nos espaços. Está em Lady Gaga, em Joelma (ex vocalista da banda Calipso), em Elke Maravilha, na substituição do artigo definido “o” para “a”, no lustre, na linguagem (Figura 5). No cinema, a personagem Lunga, interpretada por Silvério Pereira no filme *Bacurau* de Kleber Mendonça Filho. O próprio ator Silvério que, ao vencer o Prêmio de Homem do Ano de 2019, da revista GQ, pela interpretação, foi receber o prêmio de vestido e maquiagem, afirmando que seu lado feminino empodera o seu lado masculino.

Figura 5: A montaria do lustre e das palavras.



Fonte: acervo do pesquisador (2019)

Durante a deambulação, percebemos para além dos escritos nas paredes, que a linguagem dos corpos (abjetos) leva à reflexão sobre a *outra*, buscando empoderar e materializá-las na utilização de discursos e questões como: “*seja*

boneka”, “*Putá que pariu não, pinta que pariu*”, “*cadê minha guerreira?*”, “*quem aqui estudou com travesti?*”. Wenus Sunew acredita que a feminilidade está conectada à vulnerabilidade, objetificando o corpo *Drag*, um corpo risível que acreditam poder tocar, opinar e em alguns casos até agredir. Banshee relata que, sem explicação, já foi alvo de jatos de spray de pimenta. Porém, a subversão as leva a sentir prazer em provocar o padrão, em causar incômodo e, por isso, quando está montada costuma ir a pé com outras amigas até os eventos, como se a rua fosse seu palco, sua passarela. Nesse espaço elas se sentem satisfeitas, a partir da montaria de *Drag Queen* que ambas rebelam essas marcas, por prazer, empoderamento, empatia aos pares e por exaltação do *eu*.

Legitimar tais denúncias é propor o retorno ao imaginário construído durante a infância do indivíduo e questionar se a publicidade infantil não gera hipermasculinização e hiperfeminização nos/dos corpos, considerando que o conteúdo dedicado às meninas remete à delicadeza, à fragilidade, e às atividades domésticas. Quanto aos meninos, à agressividade, à violência, à conquista, à ascensão e à disputa. É, também, compreender que existe um ‘cistema’⁶ social condicionado a vigiar e condenar aqueles que não apresentem comportamentos normatizados, regulados. Ou seja, corpos que estão na fronteira, tornando o gênero como algo social a partir do momento em que é necessário encaixar o *eu* em moldes, ou em armários. Portanto, insurgir através da montaria de *Drag* é, automaticamente, um ato político, por tais intervenções provocarem as relações de poder a partir da materialização de um corpo outro.

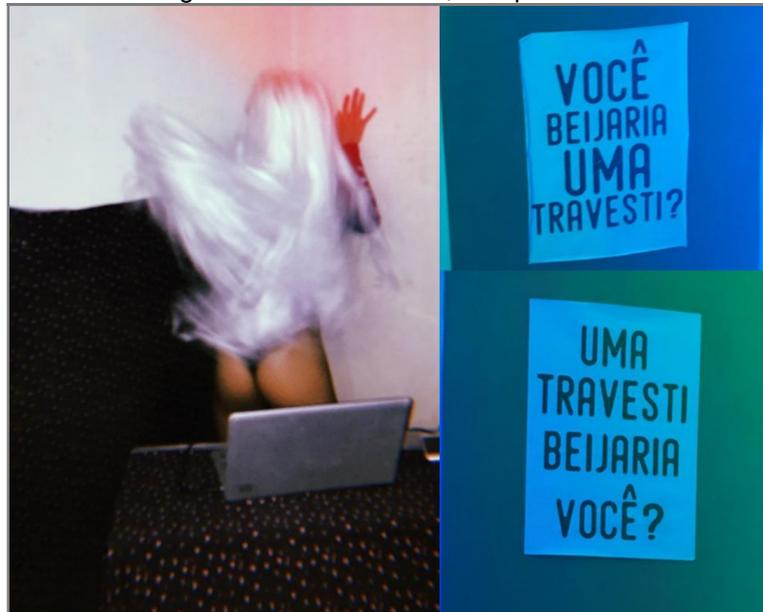
2.6.3 Epistemologia e estética cultural-simbólica

Wenus Sunew acredita que o espaço é também seu corpo, que se a montaria é muita cor, ludicidade e denúncia, os espaços que transitam esses corpos absorvem o reflexo presente nestes símbolos, evidenciam a importância da estética do ambiente investigado nas *Drags*. Resignificam os símbolos estruturalmente estabelecidos e criam uma cultura menos falocêntrica e mais natural. Exemplos, a presença de cores em *neon*, brilho e paetê, cobrindo a mesa de som, de cabelos

⁶ A língua portuguesa é complexa e tem uma estruturação muito binária. A neolinguagem surge para garantir respeito e inclusão à todes identidades de gênero conhecidas. Cistema, refere-se ao sistema que favorece pessoas cisgênero em detrimento dos seres fora dos binarismos.

coloridos, da crítica e subversão de símbolos, como os anjos pintados nas paredes, de provocações em cartazes, como mostra a Figura 6.

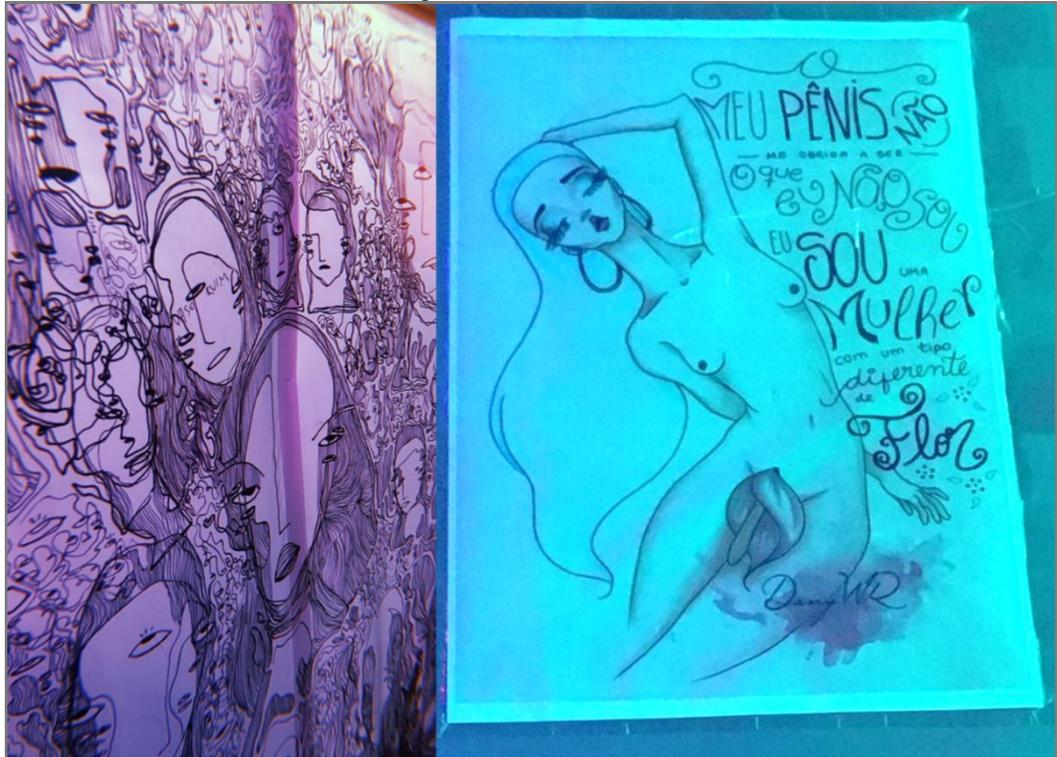
Figura 6: em movimento, em questões.



Fonte: acervo do pesquisador (2019)

Os espaços deambulados são também utilizados para a divulgação e o compartilhamento de obras de artistas locais pertencentes à comunidade LGBTQAPI+ através da exposição visual e gráfica, como mostra a Figura 7, que confere visibilidade e gera uma rede de apoio entre corpos que apresentam uma estética subversiva, estabelecendo afetos que normalmente surgem no ciclo familiar biológico. Porém, o reconhecimento do outro como espelho de si e a infusão de vivências faz surgir novos significados do termo família. Wenus Sunew diz que seu processo de montagem *Drag* demorou a acontecer por falta de coragem, já que o apoio da família biológica não existia, o suporte surge através de outras *Drags* que contribuem nesse processo, doando-se para fazer transcender novos seres e *corpos outros*. Entender que a família não está associada ao tipo sanguíneo é criar laços, apoiar e construir novas epistemologias-estéticas de caráter cultural, social e simbólica.

Figura 7: obras de arte



Fonte: acervo do pesquisador (2019)

A pesquisa tem sido importante, igualmente, por questionar: como buscar diversificar se os lugares de poder são sempre ocupados por homens héteros e organizados a partir de valores masculinistas e patriarcais? Com isso, é recriado o paradoxo no cotidiano de corpos subalternos que exaltam suas características através do feminino, a partir do sentir e do intuir, numa sociedade que não lhes reconhece como pessoas.

2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível, com as presentes exemplificações e achados da pesquisa, observar a intencionalidade estético-gestual plural do ato de montaria. Ainda, reforçar que tais corpos apresentam convergências epistemológicas e estéticas: históricas, porque são marcados por tempos distintos; provisórias, por denúncias que, por não se fazerem atendidas, nunca cessarem o caráter político de suas intervenções; culturais, por apresentarem cotidianos, sentidos e (re)significados de experiência marcadas pelo gênero e sexualidade; políticas, por questionarem as relações de poder e articularem uma posição *outra* de fala; e enfim, e mais

significativas, simbólicas, por oferecerem visibilidade a uma estética subalterna que transcende o ser normalizado.

Pesquisar sobre gênero é nunca estatizar, sempre haverá novas materializações, rematerializações, terminologias serão ressignificadas, corpos surgirão e insurgirão, um processo fluido que nunca cessa. Por isso, e pela busca incansável em naturalizar os corpos abjetos, para que esses corpos ocupem diferentes espaços, sobretudo na academia, a pesquisa pretende aprofundar quais relações existentes entre o corpo, estética subalterna e o espaço público, como, a partir das tantas viagens, corpos desumanizados criam processos de alteridade e estabelecem redes afectuais em comunidade. As intersecções entre ser um corpo político que articula as temáticas sociais, sobretudo a partir da gestualidade, serão objeto futuro da pesquisa. Trata-se não de uma análise individual. A categoria LGBTQIAP+, com suas expressões e processos de montaria, se comunicam igualmente a partir da não fala, como se a estética dialogasse com o espaço, sendo o espaço, também, uma forma de denúncia, visto que a deambulação foi interrompida e não pudemos aprofundar tais percepções.

A pesquisa trouxe o discernimento de que outros corpos possuem, em sua vivências, dimensões não masculinizadas, mas de mulheridades, estando isso associado ou não ao seu gênero. O que aguça ainda mais a pesquisadora a questionar quais as relações existentes entre o corpo transformacional/criativo com a incorporação do feminino? Seriam os corpos governados, em sua essência, masculinizados?

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

BUHR, Karina. Eu sou um monstro. **Selvática**. YB Music. São Paulo. 2015.

BUTLER, Judith. (1999). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. *In*: G. L. Louro. (org.), **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000, p. 151-172.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO Júnior, Helio Rebelo. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Curso de Pós-Graduação em

Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 18, n. 3, p. 343-349, 2005.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 107-147, jul., 2001.

CARVALHO, Mario de Faria; CARDOSO, Fernando da Silva. Contemporaneidade, pesquisa social e imaginário. **Revista NUPEM**, Vol. 7, nº 13, 2015.

CARVALHO, Mario de Faria. Projeto de Pesquisa **Estética e Imaginário: Dimensões Teórico- Metodológicas do Estudo das Sensibilidades na Educação. Programa de Pós-graduação em educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco**. Caruaru, Pernambuco. 2018

DEBORD, Guy. **Bulletin central n.º 2**. Édité par les sections de l'International Situationniste. Décembre, 1958.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução Hélder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução Rennée Eve Levié. 3. ed. Rio de Janeiro: DIEFEL, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1984.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília. 2012.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, GUACIRA LOPES. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

MIGNOLO, Walter D. Aiesthesis decolonial. **CALLE 14 - Revista de Investigación en el campo del Arte**, vol. 4, n. 4, enero-junio, 2008.

PALERMO, Zulma. **Arte y estética en la encrucijada descolonial**. 1. ed. Buenos Aires: Del Signo, 2009.

QUEBRADA, Linn. Mulher. **Linn da Quebrada no Estúdio Showlivre**. Independente. 2017.

SANTANA, José Diêgo Leite; CARVALHO, Mario de Faria. **O que pode um corpo Drag Queen? sentidos outros para a pesquisa de questões de gênero na educação**. 2019. No prelo.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

2.8 DIFICULDADES ENCONTRADAS

As maiores dificuldades foram relacionadas à situação de pandemia. Meu trabalho necessitava de um processo maior de deambulação para análise dos resultados, como processo não só de busca, mas de autorreconhecimento, pois pesquisar, sem ser inserido, torna-se, muitas vezes, apenas uma revisão. Sinto que a deambulação provocaria ainda mais os meus olhos, meu corpo e me faria desvendar, com maior profundidade, muito do que é apresentado na pesquisa. Embora tive que interrompê-la, mas prossegui de forma virtual, dialogando com as garotas e incorporando ao diário de campo anotações de palestras, rodas de conversas, documentários, filmes, séries e outras formas de apresentação de áudio e audiovisual.

Os corpos *drag* do agreste pernambucano, que surgem a partir da montaria, são somente apreciados durante o regime noturno, da junção, da fusão dos opostos, da ciclicidade, da coincidência dos opostos, da busca interior. Fazendo uma referência aqui à Teoria do Imaginário, propostos por Gilbert Durand (2004), logo a análise à deriva seria essencial para, de maneira natural, inserir-se nos espaços por eles ocupados, sem a representação da imagem de pesquisador. Penso que essa dificuldade impediu que pudesse ser provocada quanto a descobertas para além do esperado, como entrar num barco à vela e deixar que o vento seja o comandante. Quando a deambulação foi interrompida no ponto em que não mais foi possível de ser realizada devido à pandemia, gerou-me questões que, até certo ponto, não pude responder e a compreensão de que mais vivências e emoções poderiam ter sido

contempladas se tal processo pudesse ter sido concluído como previsto no cronograma do projeto.

2.9 ATIVIDADES PARALELAS DESENVOLVIDAS PELA ALUNE

Desenvolvimento do artigo intitulado **“ÊPA, BICHA NÃO! EU SOU UMA ‘QUASE’ MULHER”**: **UM ESTUDO EPISTEMOLÓGICO E ESTÉTICO SOBRE A MONTARIA DE CORPOS E GESTUALIDADE DRAG QUEEN**, com resumo expandido apresentado durante o Seminário Internacional Superar Violências, Construir Alternativas, Escrever um Novo Mundo, realizado nos dias 11 e 12 de dezembro, em Caruaru-PE. Este artigo foi publicado no E-book *“Pesquisas sobre Imaginário, Estética e cultura: questões interdisciplinares”*, pela *Editora Fi* em agosto de 2020. Envio de resumo expandido para o congresso virtual II SECAP – Semana Científica do Agreste Pernambucano 2020, seguindo a temática do artigo desenvolvido. Além de manter participação, virtual, nas reuniões semanais d’O Imaginário, Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE-CAA/CNPq).

3 RESUMO EXPANDIDO CONIC



EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE CORPO E GESTUALIDADE *DRAG QUEEN* A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO

João Pedro Nunes da Rocha¹, Mário de Faria Carvalho²

¹Estudante do Curso de Bacharelado em Design – UFPE/CAA; E-mail: jpnunesr@gmail.com

² Professor do Programa de Pós Graduação em Educação Contemporânea e do Curso de Bacharelado em Design – UFPE/CAA; E-mail: mariofariacarvalho@gmail.com.

A presente pesquisa corresponde a um recorte do Relatório Final de Atividades desenvolvidas do PIBIC/CNPq – UFPE 2019-2020. Buscamos problematizar a montagem de corpos subalternos que exaltam o ser feminino através da sua construção estética e epistêmica, com vistas a pensar sobre que sentidos podem ser intuídos e observados nestes processos de subversão das ordens estética e de gênero. Os corpos subalternos, de acordo com Silva e Valença (2016), fazem referência aqueles corpos que transgridem os padrões construídos hegemônica, patriarcal, sexista e culturalmente em sociedade, especificamente em relação a montagem *drag queen*. A apresentação da arte sobre os temas centrais nos direciona a seguinte problemática de pesquisa: quais as significações epistêmicas e estéticas presentes na construção feminina, a partir da montagem *drag queens*? O trajeto metodológico decorre de uma perspectiva etnográfica (CARVALHO, 2001) e sensível (CARVALHO; CARDOSO, 2015). Este método apresenta à proposta de pesquisa um trajeto marcado pela ‘deambulação’ (DEBORD, 1958). Observamos a perspectiva de deambular/etnografar o cotidiano de *drags* que performam e/ou que apenas ocupam os espaços noturnos de Caruaru, no Agreste de Pernambuco. Butler (2003) aduz que a categoria sexo está presente no universo estudado a partir da perturbação do ‘ideal regulatório’ que produz corpos sexuados, com a finalidade de governá-los. No entanto, os corpos *Drag* não se conformam, nunca, completamente. Simone de Beauvoir (2009) diz, “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”. Para ela o gênero é construído por um agente implicado, um raciocínio que se apropria desse gênero. Logo, sendo esta noção algo variável e intencional, não há quem garanta que o “ser” que ela fala seja, necessariamente, fêmea (BUTLER,

2003). Para a *Drag Queen* Banshee esse processo metamorfósico surge durante a montaria. Ela afirma que quando afina o nariz, quando coloca o salto a Banshee se materializa, não apenas por uma questão estético-corporal, mas, principalmente, por um processo de identificação e (in)surgência. Já para a *Drag Queen* Wenus Sunew, esse processo não está, necessariamente, associado a elementos que feminizam, pelo contrário, a mesma afirma que não se sente confortável de peruca e de salto alto, a montaria de Wenus provoca os padrões de beleza estabelecidos e mais uma vez denuncia que os elementos careca, barba e mulher, existem num mesmo corpo, confluem, se misturam e reconstroem. A partir dos estudos realizados foi possível observar que tais corpos apresentam convergências epistemológicas e estéticas: históricas, porque são marcados por tempos distintos; provisórias, por denúncias que, por não se fazerem atendidas, nunca cessarem o caráter político de suas intervenções; culturais, por apresentarem cotidianos, sentidos e (re)significados de experiência marcadas pelo gênero e sexualidade; políticas, por questionarem as relações de poder e articularem uma posição *outra* de fala; e simbólicas, por oferecerem visibilidade a uma estética subalterna que transcende o ser normalizado.

Palavras-chave: gênero; estética; *Drag Queen*.

4 CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DO CONIC

Certificado



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

PROPESQI
PRO-REITORIA DE
PESQUISA E INOVAÇÃO

Certificamos que o(a) JOAO PEDRO NUNES DA ROCHA apresentou os resultados de sua pesquisa intitulada "EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE CORPO E GESTUALIDADE DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO" sob orientação do(a) professor(a) MARIO DE FARIA CARVALHO, no 2º Congresso Virtual de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pernambuco (II CONIC Virtual), realizado no período de 27 a 30 de julho de 2021.

Pedro V. Carelli
Pró-Reitor para assuntos de
Pesquisa e inovação

Beate S. Santos
Coordenadora Geral de Bolsas
de Iniciação Científica



12º CONITI
UFPE



28º CONIC
UFPE



9º ENIC
UFPE





DECLARAÇÃO

Declaramos que **JOÃO PEDRO NUNES DA ROCHA** participou como aluno (a) pesquisador(a), do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq/UFPE, com projeto, período e orientador(a) abaixo discriminados:

Projeto do Aluno	EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE CORPO E GESTUALIDADE DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO
Período	01 de agosto de 2019 a 31 de agosto de 2020 Com carga horária de 20 horas semanais
Orientador (a)	MARIO DE FARIA CARVALHO

Recife, 20 de outubro de 2022

Beate Saegesser Santos
Coordenadora do PIBIC - UFPE

5 OUTRAS PUBLICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS

II SEMINÁRIO EDUCAÇÃO & SENSIBILIDADES

CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho “DRAG É PODER: UM ESTUDO SOBRE CORPO E GESTUALIDADE DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO”, de autoria de João Pedro Nunes Rocha e Mário de Faria Carvalho, foi apresentado durante o II Seminário Educação e Sensibilidades, organizado pelo O IMAGINÁRIO - Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura, ocorrido nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 2021.


Mário de Faria Carvalho
Coordenador Geral do Evento
Líder do Imaginário
Professor PPGEDUC-UFPE/CAA


Conceição G. N. Lima de Salles
Coordenadora do Programa de Pós-graduação
em Educação Contemporânea - UFPE/CAA



REALIZAÇÃO:



APOIO:





DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que **João Pedro Nunes da Rocha**, CPF: 102.515.394-40, foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/PIBIC da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia/FACEPE, com processo **BIC-0008-7.02/19**, cumprindo carga horária de 20 horas semanais, para desenvolvimento do projeto **"EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE CORPO E GESTUALIDADE DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO"**, vinculado ao edital 02/2019 - PIBIC 2019, sob a orientação do(a) Professor(a) Doutor(a) **Mario de Faria Carvalho**, CPF: 274.866.643-72, no período de 01/03/2020 a 31/07/2020.

Recife, 14 de Setembro de 2021

Maria da Conceição de F. Fragoso

Maria da Conceição de F. Fragoso
Assistente em Gestão de
Ciência e Tecnologia
Unidade de Fomento - FACEPE

Michelle Santiago Tenório
Coordenadora da Unidade de Fomento

FUNDAÇÃO DE AMPARO À CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO
Rua Benfica, 150, Madalena, Recife-PE - CEP: 50720-001
Fone: (81) 3181-4800 - Fax: (81) 3181-4806





DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que **João Pedro Nunes da Rocha**, CPF: 102.515.394-40, foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/PIBIC da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia/FACEPE, com processo **BIC-0944-7.02/20**, cumprindo carga horária de 20 horas semanais, para desenvolvimento do projeto **"EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE CORPO E GESTUALIDADE DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO"**, vinculado ao edital 01/2020 - PIBIC 2020, sob a orientação do(a) Professor(a) Doutor(a) **Mario de Faria Carvalho**, CPF: 274.866.643-72, no período de 01/08/2020 a 31/07/2021.

Recife, 14 de Setembro de 2021

Maria da Conceição de F. Fragoso

Maria da Conceição de F. Fragoso
Assistente em Gestão de
Ciência e Tecnologia
Unidade de Fomento - FACEPE

Michelle Santiago Tenório
Coordenadora da Unidade de Fomento

FUNDAÇÃO DE AMPARO À CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO
Rua Benfica, 150, Madalena, Recife-PE - CEP: 50720-001
Fone: (81) 3181-4800 - Fax: (81) 3181-4806





DECLARAÇÃO

DECLARAMOS PARA OS DEVIDOS FINS QUE O TRABALHO INTITULADO ESTA PESQUISA É DRAG: UM ESTUDO EPISTEMOLÓGICO E ESTÉTICO, PARA ALÉM DA PERSONA, SOBRE A MONTARIA DE DRAG QUEEN COM AUTORIA DE JOÃO PEDRO NUNES DA ROCHA, MÁRIO DE FARIA CARVALHO FOI APRESENTADO NA FORMA DE COMUNICAÇÃO ORAL NO EVENTO II SEMANA CIENTÍFICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO, PROMOVIDO PELA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO, OCORRIDO ENTRE 1 E 4 DE OUTUBRO DE 2020 E PUBLICADO EM FORMATO DE RESUMO EXPANDIDO NOS ANAIS DO EVENTO, DE ISSN 2675-3731.

Garanhuns, 21 de outubro de 2020.

COORDENADOR GERAL DA II SEMANA CIENTÍFICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO
COORDENAÇÃO SETORIAL DE EXTENSÃO E CULTURA

Prof. Higor Ricardo M. Santos
Coord. Set. de Extensão
UPE Multicampi Garanhuns
Mat.: 12096-0





CERTIFICADO

Certificamos que JOÃO PEDRO NUNES DA ROCHA apresentou o trabalho intitulado: "ESTA PESQUISA É DRAG: UM ESTUDO EPISTEMOLÓGICO E ESTÉTICO, PARA ALÉM DA PERSONA, SOBRE A MONTARIA DE DRAG QUEEN" na **II Semana Científica do Agreste Pernambucano** ocorrida entre 01 e 04 de outubro de 2020.

Rosângela E. A. Falcão
ROSÂNGELA ESTEVÃO ALVES FALCÃO
Diretora da UPE Multicampi

Higor Ricardo Monteiro Santos
HÍGOR RICARDO MONTEIRO SANTOS
Coordenador Setorial de Extensão e Cultura da UPE Multicampi




Seminário Internacional

Superar violências, Construir alternativas, Escrever um novo mundo

IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO OBSERVATÓRIO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA
II SEMINÁRIO INTERNACIONAL CURUPIRAS

Certificamos que o trabalho intitulado "ÉPA, BICHA NÃO! EU SOU UMA 'QUASE' MULHER": UM ESTUDO EPISTEMOLÓGICO E ESTÉTICO SOBRE A MONTARIA DE CORPOS E GESTUALIDADE DRAG QUEEN de autoria de *João Pedro Nunes da Rocha e Mário de Faria Carvalho*, foi apresentado durante o **Seminário Internacional Superar Violências, Construir Alternativas, Escrever um Novo Mundo**, realizado de 11 a 12 de dezembro de 2019, em Caruaru-PE.

Allene Lage
Prof. Dra. Allene Carvalho Lage

Júlia Benzaquen
Prof. Dra. Júlia Benzaquen

11 e 12 de Dezembro de 2019 | UFPE - Centro Acadêmico do Agreste | Caruaru - PE

Seminário Caruaru
Obrigado pela participação!

Realização



JOÃO PEDRO NUNES DA ROCHA

**EPISTEMOLOGIA E ESTÉTICA SUBALTERNA: UM ESTUDO SOBRE
CORPO E GESTUALIDADE DRAG QUEEN A PARTIR DA DEAMBULAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, na modalidade de relatório científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Aprovado em: 28/10/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Mário de Faria Carvalho (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Amanda Mansur Custódio Nogueira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Msc. Luís Massilon Silva Filho (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco